

# O papel social do árbitro de futebol: uma análise sociológica a partir do filme “Boleiros, era uma vez o futebol”

The social role of the soccer referee: a sociological analysis from  
the movie "Boleiros, it was once the football"

BARBOSA RJ, SILVA JBL, GOLIN CH, ASSUMPTÃO LOT. O papel social do árbitro de futebol: uma análise sociológica a partir do filme “Boleiros, era uma vez o futebol”. *R. Bras. Ci. e Mov* 2018;26(2):145-152.

**RESUMO:** Neste artigo, por meio de uma análise de conteúdo de um episódio do filme *Boleiros - era uma vez o futebol*, discutimos uma dimensão da complexa Teoria dos Papéis proposta por Peter Berger, pertinente à corrente sociológica *Interação Simbólica*. Enfatizamos um de seus fundamentos: a exigência e necessidade de coerência do papel social. O episódio oportuniza a discussão sobre o papel e as expectativas de coerência social em torno de um árbitro de futebol cujo nome é Virgílio Paiva. Trata-se de uma pesquisa de natureza qualitativa que privilegia os aspectos pedagógicos, culturais e sociológicos presentes na obra de Berger relacionando-os a uma obra cinematográfica em que a ficção dialoga com conflitos éticos e atitudinais reais. Dessa forma, a obra se torna um solo fértil para a discussão teórica à luz dos pressupostos de Berger e, portanto relevante para ser analisada sob o olhar científico.

**Palavras-chave:** História; Esportes; Ciclismo; Copa do Mundo.

**ABSTRACT:** In this article, through a content analysis of an episode of the movie "Boleiros - it was once the soccer", we discussed a dimension of the complex Theory of Social Roles presented by Peter Berger, who belongs to the sociological current "Symbolic Interactionism". We emphasize one of his theories: the requirement and necessity of coherence of the social role. The episode allows a discussion about the role and expectations of social coherence around a football referee whose name is Virgílio Paiva. It is a qualitative research that privileges the pedagogical, cultural and sociological aspects presented in the Berger's work and connects it to a cinematographic work in which fiction establishes a dialogue with real ethical and attitudinal conflicts. This way, the work becomes a fertile soil for theoretical discussion in the light of Berger's assumptions and therefore relevant to be analyzed under the scientific view.

**Key Words:** Soccer; Role Theory; Cine.

Roberval de J. Barbosa<sup>1</sup>  
João Batista L. da Silva<sup>1,2</sup>  
Carlo Henrique Golin<sup>3</sup>  
Luís O. T. Assumpção<sup>1</sup>

<sup>1</sup>Universidade Católica de  
Brasília

<sup>2</sup>Universidade do Estado de  
Mato Grosso

<sup>3</sup>Universidade Federal de  
Mato Grosso do Sul

Recebido: 06/03/2017

Aceito: 10/03/2018

## Introdução

Este artigo estabelece uma relação entre o futebol, a sociologia e o cinema. Tomou-se como base o filme “Boleiros - era uma vez o futebol...”, escrito e dirigido pelo cineasta paulista Ugo Giorgetti, tendo sido lançado em DVD pela Paris Filmes no ano de 1998. A trama apresenta ex-futebolistas que, em uma mesa de bar, bebem, conversam, relembram casos e velhos tempos. O diretor homenageia seis times de futebol paulista: a Sociedade Esportiva Palmeiras, o São Paulo Futebol Clube, a Associação Portuguesa de Desportos, o Clube Atlético Juventus - agremiações esportivas da capital do estado – e, também, o Santos Futebol Clube.

Nesse contexto, nosso estudo dá atenção ao episódio que homenageia o Clube Atlético Juventus, conhecido carinhosamente por seus torcedores por “Moleque Travesso”. Trata-se de um clube poliesportivo, recreativo e social, fundado em 20 de abril de 1924, na cidade de São Paulo. É proprietário do estádio “Conde Rodolfo Crespi”, localizado na Rua Javari, no Bairro da Mooca. Conquistou os títulos de campeão paulista de 1934, campeão brasileiro da Série B de 1983, entre outros.

O episódio do filme analisado está centrado em um árbitro de futebol da Federação Paulista de Futebol – “Virgílio Paiva” – interpretado pelo ator Otávio Augusto, o qual foi escalado para arbitrar um jogo do Campeonato Paulista da equipe do Juventus.

Com o objetivo de analisar os dados em questão, discutimos, na sequência desta introdução (item 1), a metodologia da pesquisa, os aportes teóricos que orientam o processo reflexivo e a análise de conteúdo do filme.

A Aproximação ao Método (item 2) trata dos materiais e métodos empregados para produção deste estudo. As Bases Teóricas, dispostas no item 3 estão divididas em sub-itens. No item 3.1, “O cinema como expressão sociológica” entrelaçamos cinema e sociologia, em especial a Sociologia do Esporte. No item 3.2 “O papel social do árbitro de futebol”, traçamos o perfil do árbitro de futebol, tanto em suas funções quanto nas expectativas sociais criadas em torno de sua figura. Os conceitos de Interação Social (3.2.1) e a relação entre Interação e Papel Social (3.2.2) são abordados no sentido do árbitro ter clareza sobre o papel que deve desempenhar no cenário futebolístico. Na sequência (item 3.3) apresentamos alguns conceitos gerais da corrente sociológica denominada Interacionismo Simbólico. Já no item 4 desenvolvemos a análise propriamente dita acerca da Teoria dos Papéis, a partir do processo fictício engendrado pelo cineasta Ugo Giorgetti referente ao filme: “Boleiros - era uma vez o futebol...”.

Para finalizar, nas considerações finais (item 6), reforçamos o caráter didático pedagógico contido no referido filme e que de maneira ilustrativa facilita a compreensão da Teoria dos Papéis, desenvolvida por Berger.

## Aproximação ao método

Esta pesquisa é de natureza qualitativa e recorre aos princípios da análise de conteúdo que, segundo Bauer e Gaskell<sup>1</sup> “pode reconstruir ‘mapas de conhecimento’ à medida que eles são corporificados em textos. As pessoas usam a linguagem para representar o mundo como conhecimento e autoreconhecimento” (p. 194). Assim, neste fazer investigativo, buscamos descrever e analisar um episódio do filme “Boleiros, era uma vez o futebol” face ao interacionismo simbólico que integra a teoria do papel social desenvolvida por Berger.

O filme analisado é classificado no gênero comédia, produzido no Brasil em 1998, com a duração de 93 minutos, dos quais aproximadamente 10 minutos tratam do episódio “O Pênalti”, recorte deste estudo e que pode ser consultado facilmente na internet<sup>1</sup>.

As imagens contidas no filme expressam linguagens que estão para além das falas dos personagens, pois encontram subjetividades interpretativas, contudo após a transcrição das falas do episódio estudado e buscamos estabelecer a discussão.

Portanto compartilhamos do pensamento de Bauer e Gaskell<sup>1</sup> ao dizer que “a análise de conteúdo trabalha tradicionalmente com materiais textuais escritos, mas procedimento semelhante pode ser aplicado a imagens ou sons” (p. 195). Apresentamos a seguir as bases teóricas do trabalho, bem como o perfil do papel social requerido do árbitro de futebol, para posterior análise acerca da coerência dos papéis sociais abordados em “Boleiros - era uma vez o futebol”.

## Bases teóricas

### *O cinema como expressão sociológica*

<sup>1</sup>Para acessar o filme na internet basta digitar: <https://www.youtube.com/watch?v=4fkceBAi0c8>.

A narrativa cinematográfica, incluindo história, conteúdo, técnica e estética é composta elementos que trazem textos e contextos sociológicos passíveis da análise desde o espectador comum até um aprofundamento de pesquisadores no seu fazer científico-acadêmico.

Santana<sup>2</sup> observa o importante papel da Sociologia para construção de um senso interpretativo acerca das mensagens expressas a partir de filmes que tratam de questões sociais.

A sociologia, nessa esfera, como ciência ocupada em compreender as múltiplas faces desse objeto sócio-cultural contribui no sentido de aguçar os olhares para os vários fatores envolvidos em todo o processo da produção filmica. No intuito de situar o observador contextualmente no universo onde se relacionam criador, obra, receptor, estrutura social e jogo de interesses entre os envolvidos no campo, ela arma um panorama capaz de identificar seus atores sociais numa dinâmica onde suas atuações definem ao mesmo tempo os rumos de futuros projetos, aqueles em andamento e os efeitos multidimensionais que provoca sobre a sociedade. (p.1).

Numa análise sobre a eficácia simbólica do esporte na afirmação do sentido de nação, presente no filme *Invictus*, de Clint Eastwood, Assumpção<sup>3</sup> *et al.* corroboram para percepção do cinema como expressão sociológica capaz de acender discussões, produzir análises e reinterpretar pensamentos. Para os autores:

O cinema desempenha inúmeras funções. Pode ser visto como entretenimento, lazer, relaxamento; pode divertir as pessoas, constituindo um excelente passatempo, um belo passeio, um programa com amigos e familiares. Mas, necessariamente, não se reduz a estes sentidos exclusivamente lúdicos, podendo desempenhar inúmeras outras funções. Pode também ser visto, desfrutado e analisado como expressão artística, cultural, pedagógica, simbólica. Quantos filmes, quantas cenas, quantos diálogos, quantos roteiros, não são capazes de iluminar discussões, esclarecer ideias, situar contextos, compreender sentimentos, elaborar pensamentos, inspirar ações? (p. 1)<sup>2</sup>.

Portanto as produções cinematográficas têm sido cada vez mais utilizadas como recursos acadêmicos-pedagógicos. Trata-se de um veículo bastante rico para melhor compreensão de diferentes situações sociais, ações culturais, procedimentos simbólicos. Cabe citar alguns que tem desempenhado com maestria essa perspectiva. Lembramos de “Tempos modernos” discutindo a alienação taylorista do trabalho, “*Dersu Uzala*” discutindo ecologia, “*Ladros de bicicleta*” apresentando as dificuldades da pobreza, os filmes do cinema novo, o realismo italiano, as críticas sociais de Ken Loach, Buñuel. No esporte também há tantos outros, como exemplo citamos: “*Touro indomável*”, “*Quando éramos reis*”, “*Prá frente Brasil*”, o recente “*Les Bleus*” discutindo o racismo.

Deste modo existem centenas de promissores filmes, rica matéria prima para discussão de questões sociais, políticas, históricas, culturais, esperando análises, interpretações e/ou reflexões, o que de certa forma fazemos neste sucinto ensaio.

### *Papel social do árbitro de futebol*

O árbitro, no futebol profissional, é um ator fundamental, desempenhando um dos mais importantes papéis na configuração do jogo; este simplesmente não acontece sem sua presença. Vejamos, pois, o que o caracteriza, o que o define, suas funções, suas ações, as expectativas sociais e a importância deste tão significativo papel.

Como estabelecido nas normas que regem o futebol<sup>3</sup>, entre outras atribuições, cabe ao árbitro fazer cumprir as dezessete regras que o regulamentam, decidir sobre segurança, condições logísticas, eventuais interrupções, lisura da partida, relatório final. Ele é um dos principais protagonistas da partida de futebol, sua função se assemelha a um “maestro” ao conduzir o jogo.

Deste modo, dele se exige formação especializada em escolas credenciadas pelas respectivas federações de futebol. São filiados a sindicatos próprios; no caso de São Paulo, o Sindicato dos Árbitros de Futebol de São Paulo – SAFESP e a Associação Nacional de Árbitros de Futebol - ANAF. Estão também filiados aos quadros das respectivas

<sup>2</sup>Do original: “Film performs many functions. It can be viewed for leisure and relaxation or for personal and mutual entertainment. Additionally, movie watching can be serious hobbies, or activities that involve friends and family. However, the role of films cannot be reduced to these recreational purposes exclusively, as there are many other functions as well. Films can be seen, enjoyed and analyzed as artistic, cultural, educational, and symbolic expressions. How many movies, scenes, dialogues and scripts are foundational to illuminating discussions, clarifying ideas, situating contexts, understanding feelings, developing thoughts or inspiring actions?”. (tradução nossa).

<sup>3</sup>Disponível em: [http://cdn.cbf.com.br/content/201612/20161220181822\\_0.pdf](http://cdn.cbf.com.br/content/201612/20161220181822_0.pdf) - [acessado em 10/01/2017].

federações estaduais, nacionais Confederação Brasileira de Futebol - CBF e internacional, a Federação Internacional de Futebol Associados - FIFA. São remunerados por partida trabalhada e recebem diárias quando desempenham funções fora do local de origem. Eventuais irregularidades podem ser indicadas junto ao Tribunal de Justiça Desportiva ou ao Superior Tribunal de Justiça Desportiva, estando sujeitos a repreensões, multas, suspensões e até, em casos extremos, eliminação do quadro.

Além dessas exigências jurídicas e administrativo-formais, deve zelar por princípios ético-morais; ter autoridade, liderança, imparcialidade, bom senso, paciência, capacidade de observação, coragem, resistência a pressões sociais e, naturalmente, um excelente preparo físico para bem desenvolver suas funções. Ao executar, exercer e cumprir estas múltiplas atribuições, o árbitro estará desempenhando inúmeros papéis.

Com efeito, ele está, a todo o tempo, interagindo - social e simbolicamente, com os mais diversos atores do meio futebolístico - jogadores, treinadores, torcedores, dirigentes, colonistas, repórteres, entre outros. Portanto, do ponto de vista sociológico, pode-se entendê-lo como um significativo ator social.

Com o intuito de melhor compreendermos seu lugar e espaço no universo esportivo, analisamos dois conceitos que tornarão mais claros a discussão dessa temática, a saber: “interação” e “papel social”.

### *O conceito de interação social*

Na vida cotidiana, o indivíduo e a sociedade estão em permanente interação. Quando duas ou mais pessoas entram em contato ocorre uma ação recíproca, com influência mútua. É o que Max Weber<sup>4</sup> denomina “[...] ação orientada pela ação dos outros, que podem ser passadas, presentes ou esperadas como futuras. Os ‘outros’ podem ser individualizados e completamente desconhecidos” (*apud*, p. 139).

Dia após dia, semana após semana, mês após mês, há inúmeras interações entre atores sociais, os quais desenvolvem e utilizam linguagens e símbolos para representar e compreender o mundo, interpretando-os e reinterpretando-os constantemente. “Estes símbolos são criados na interação entre as pessoas umas com as outras e dão sentido ao que acontece em suas vidas”<sup>5</sup> (p.44). Elas elaboram ideias, percepções, veiculam valores, crenças, atitudes, atendendo e respondendo a múltiplas expectativas. Dessa forma, as pessoas asseguram que a reação dos outros ocorra de forma socialmente desejada e esperada como comenta Goffman<sup>6</sup>: “a vida social é como se fosse algo que vai sendo representado em um ou em vários palcos onde são desempenhados os papéis” (p. 107). Do árbitro de futebol, por exemplo, as pessoas esperam o conhecimento, o cumprimento, o exercício das atribuições discorridas acima.

À medida que as pessoas interagem, elas também interpretam as relações, fazem escolhas, definem e explicam o mundo social. Desenvolvem um sentido do que são: “nós desenvolvemos uma noção de quem somos e como estamos conectados com o resto do mundo social”<sup>5</sup> (p.44). Nesse sentido, as interações são sempre dinâmicas, em processo de construção e reconstrução constante. Por isto, a identidade nunca é permanente tampouco formada de uma só vez, individualmente, mas a todo tempo é (re)construída em um processo contínuo.

Os estudiosos dos processos interativos analisam o comportamento “em termos de um processo emergente, não em termos de relações causa-efeito. Definem os seres humanos como capazes de realizarem escolhas, não apenas ‘respondendo’ a estímulos”<sup>6</sup> (p. 44). Entendem a vida humana como contingente e não determinada, aberta a múltiplas possibilidades de condutas, de maneiras por vezes surpreendentes. Assumem que “nada é completamente determinado. A cada passo de cada situação, outra coisa pode acontecer”<sup>7</sup> (p. 45). Nessa lógica, no caso deste artigo, entende-se o “bom árbitro” como aquele capaz de interpretar estas múltiplas interações sociais, identificando, conduzindo e administrando-as de maneira coerente, sensata, correta.

### *Interação e papel social*

Nos processos interativos os indivíduos assumem e desempenham a todo tempo múltiplos papéis: pai, mãe, filho/a, marido, esposa, vizinho/a, árbitro/a... Há uma variedade de posições e situações a serem atendidas e satisfeitas, cada

<sup>4</sup> No original: “These symbols are created as people interact with each other and give meaning to what happens in their lives” (tradução nossa).

<sup>5</sup> No original: “We develop a sense of who we are and how we are connected to the rest of the social world” (tradução nossa).

<sup>6</sup> No original: “in terms of an emerging process, not in terms of cause-effect relationships. They define human beings as choice makers, not as ‘responders’ to stimuli”. (tradução nossa).

<sup>7</sup> No original: “nothing is fully determined. At every step of every unfolding event, something else might happen” (tradução nossa).

qual com diferentes sentidos, significados, expectativas. Caso não sejam desempenhados adequadamente será inevitável alguma forma de conflito e/ou desorganização social. No caso dos árbitros, são estes os momentos dos questionamentos, críticas, desconfianças.

O papel social é, portanto, o elemento básico de construção das interações, essencial para se compreender a atuação e as relações entre os indivíduos. Por isso ocupa um lugar teórico fundamental nas Ciências Sociais. Vários cientistas sociais estudaram-no e tentaram defini-lo, destacando alguns traços.

Goffman<sup>6</sup> entendeu o papel social como “a mediação das relações interpessoais”, a qual ocorre naquilo que denomina como um “palco” (p. 92).

Sarbin<sup>7</sup> (*apud*, p. 862) definiu-o como “uma sequência padronizada de ações aprendidas ou atos realizados por uma pessoa numa situação de interação”.

Johnson<sup>8</sup> (p. 168-169) nos ensina que “um papel é um conjunto de ideias associadas a um *status* social, que definem sua relação com outra posição”. *Status* e papel são conceitos que aparecem sempre inter-relacionados.

Para Merton<sup>9</sup> (*apud*, p. 150): “[...] o conjunto de papéis exige condutas complementares em relação a outrem, ou seja, seu desempenho envolve inúmeras expectativas mútuas de comportamento”, por isso ele nunca se define em foro íntimo.

A sociedade tanto influencia os indivíduos quanto estes são influenciados pelo que deles se espera. Assim, seus comportamentos, atitudes e expectativas devem atender às exigências dos diferentes *status* e posições sociais. A sociedade “escreve” o *script* e os atores interpretam os papéis, naturalmente com certa margem de improvisação e certo grau de liberdade, aceitando os riscos de alguns inconvenientes. Neste sentido, Mendras<sup>10</sup> nos mostra que as “expectativas correspondem às sanções que a sociedade dispõe para ter suas regras respeitadas” (p. 107-108).

No caso específico desta pesquisa, cabe ao árbitro ter muita clareza sobre o papel que deve desempenhar no cenário futebolístico e na comunidade da qual faz parte, sob o risco de não ter o seu papel profissional reconhecido.

### *Interacionismo simbólico*

O conceito de interação social é fundamental em estudos sociológicos, antropológicos, psicológicos. Ocupa lugar epistemológico destacado entre as Ciências Sociais. Sua importância teórica, conceitual e metodológica deu origem a uma importante linha de pensamento no século XX: o “Interacionismo Simbólico”.

O Interacionismo Simbólico surgiu como oposição às teorias de caráter totalizante que concede às relações e ações sociais como derivadas das normas e regras sociais pré-estabelecidas. Baseia-se em uma concepção teórica na qual os objetos sociais são, interminavelmente, construídos e reconstruídos pelos indivíduos. As áreas da Sociologia que foram influenciadas por essa abordagem incluem a sociologia das emoções, comportamento desviante, criminologia, comportamento coletivo, movimentos sociais, administração de impressão, formação de identidade, definição de situação.

Destacam-se, nessa corrente de pensamento, George Herbert Mead, Peter Berger<sup>11</sup>, Herbert Blumer<sup>12</sup>, Charles Cooley, Erving Goffman, entre outros.

Os primeiros estudos sob esta perspectiva se desenvolveram no Departamento de Sociologia da Universidade de Chicago, a partir dos anos 30, quando começaram a serem realizadas inúmeras pesquisas e investigações sob esta orientação teórica.

Neste estudo privilegiamos a contribuição teórica de um dos expoentes desta corrente – Peter Ludwig Berger<sup>8</sup>, em particular suas reflexões contidas no livro “Perspectivas Sociológicas – uma visão humanística”<sup>11</sup>.

Ao analisar a dinâmica dos papéis sociais, este autor<sup>11</sup> discorre, de maneira muito elucidativa, sobre seus inúmeros aspectos e dimensões, evidenciando a complexidade do conceito. Mostra o quanto as pessoas desejam, mais ou menos conscientemente, obedecer às regras e os papéis, e em que medida elas correspondem a “respostas tipificadas

<sup>8</sup> Peter Ludwig Berger nasceu em Viena em 1929. Emigrou aos Estados Unidos aos 17 anos. Estudou no Wagner College e sociologia na New School for Social Research de Nova York, onde se doutorou. Sua atividade docente se desenvolveu nas Universidades da Geórgia e a Carolina do Norte, para voltar à New School for Social Research de Nova York, como professor de sociologia. Posteriormente, ensinou sociologia e teologia na Escola de Teologia da Universidade de Boston, de cujo Institute for the Study of Economic Culture foi diretor. Junto com Thomas Luckman teoriza a cerca da realidade como construção social (*The Social Construction of Reality. A Treatise in the Sociology of Knowledge*, 1967). Sua maior dedicação científica, no entanto, aparece no campo da sociologia da religião, que lhe define como um teólogo laico, condição que impregna sua obra, na qual, além disso, aparecem relevantes textos no campo da teoria sociológica e a sociologia política, a globalização e o desenvolvimento, etc. É doutor *honoris causa* da Loyola University, do Wagner College, da University of Notre Dame e das europeias de Genebra e Munique. Foi premiado pelo governo austríaco com o Mannes Sperber Prize pela sua contribuição ao estudo da cultura. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Peter\\_L.\\_Berger](https://pt.wikipedia.org/wiki/Peter_L._Berger) [acessado em 10/01/2017].

a expectativas tipificadas”, exigindo que o “mundo apresente uma imagem razoavelmente coerente” (p.121). Também explica como, para cada situação, é oferecido um padrão de comportamento incluindo emoções, atitudes, sensações.

Ainda discute a disciplina interior dos papéis, suas cobranças (externas e internas) mostrando o quanto o conceito de *self* possui dimensão social; analisa o reconhecimento e a construção social das identidades, explicando como a sociedade pode atribuir, sustentar, transformar e até retirá-las. Discorre sobre as dificuldades, consequências e embaraços quando da retirada radical de reconhecimento dos papéis, mostrando que em momentos de grande incongruência a situação se torna sociologicamente inviável. Explica como a sociedade recruta seus membros a partir destes papéis sociais e como ela elimina os recalcitrantes<sup>11</sup>.

Estas são algumas das múltiplas dimensões da teoria dos papéis sociais trabalhadas por Peter Berger<sup>11</sup>. No entanto, nos limites de um artigo científico não seria possível analisá-los em sua totalidade. Por conseguinte, restringimo-nos à discussão de uma de suas dimensões constituintes: a necessidade e exigência da coerência dos papéis sociais. No caso desse estudo, procuramos mostrar como esta coerência deve ser incorporada pelo árbitro de futebol, sob pena deste não ter seu papel social reconhecido.

#### *A coerência dos papéis sociais em “Boleiros - era uma vez o futebol...”*

Uma das características fundamentais do papel social é o fato dele não poder distanciar-se excessivamente de certa coerência, devendo envolver certo grau de coesão e harmonia. Se isto não ocorrer, os papéis se fragilizarão. Diante disso, se entende melhor quando Berger<sup>11</sup> afirma haver “pressões internas no sentido de coerência talvez baseadas em profundíssimas necessidades psicológicas do indivíduo de se ver como uma totalidade” (p.122).

Obviamente esta coerência não implica uma fixidez, ela tolera variações:

[...] certo grau de discrepância de papéis poderá ser permitido, mas se certos limites de tolerância forem ultrapassados a sociedade retirará seu reconhecimento ao indivíduo em questão, definindo-o como uma aberração moral ou psicológica<sup>11</sup> (p.121).

Nesse caso, o “ocupante” do papel seria desacreditado e perderia a credibilidade. Assim, a coerência do papel nunca se apresenta de forma abstrata. Ela é sempre relacional, definindo-se em situações particulares. Ou seja, “enquadra-se em um tipo de conduta socialmente reconhecida à posição ou atribuições funcionais num processo interativo”<sup>13</sup> (p. 46). Um conceito chave do Interacionismo Simbólico - “definição de situação”<sup>9</sup> – bem esclarece esta questão. Trata-se das características precisas dos indivíduos em contextos específicos, ou seja, mesmo estando nas mesmas condições suas ações não serão as mesmas; eles agem em função do que compreendem ser a situação na qual se encontram.

O episódio referente ao time do Juventus, no filme “Boleiros”, por nós aqui estudado, é um excelente exercício para se compreender esta exigência de coerência e definição dos papéis sociais.

O personagem Otávio, que faz parte do grupo de amigos “Boleiros”, conversando na mesa do bar, categoricamente, sintetizou a “situação”, a qual tomamos como objeto de análise: tratava-se de um “*jogo válido pela última rodada do campeonato da primeira divisão do Campeonato Paulista entre o Juventus, que estava bem na parada e poderia perder sem risco de ir para a segunda divisão, contra um time do interior que, se perdesse, descia*”. Ou seja, no jargão futebolístico, a situação definia-se como “tudo ou nada” para o time do interior.

O árbitro escolhido foi Virgílio Paiva, conhecido como “Virgílio Pênalti”, personagem pertencente ao quadro da Federação Paulista de Futebol, portanto, credenciado a exercer este papel.

Naquele jogo, entretanto, Virgílio vivia um conflito de papéis muito particular. Além de “árbitro”, por vezes era um inveterado “jogador de cartas” e, para sua infelicidade, constantemente contraía dívidas de jogo, “*ficava sempre na mão do bookmaker*”, salientou Otávio.

Pois bem, por ocasião daquela partida, havia adquirido imensa dívida no *poker* e não possuía recursos para saldá-la. Tornou-se refém dos credores. Ora, sabe-se que, neste meio, o não pagamento, muitas vezes é resolvido “*na bala*”, como lembra Otávio.

O que fazer então? Como sair dessa situação? Eis a angústia de Virgílio Paiva.

A solução imediata e viável encontrada por ele foi arriscada e desesperadora - nos termos do conceito principal

<sup>9</sup> Ver GOFFMAN<sup>6</sup> (p.29).

deste trabalho, incoerente com seu papel de árbitro de futebol. Aceitou um suborno, proposto pelo presidente do time do interior para quitar a dívida. “*O presidente, sabendo que Virgílio estava sempre pendurado na mão de bookmaker, vai lá e ‘molha a mão’ do Virgílio para garantir a vitória*” (Otávio).

Naturalmente que, em caso de descoberta do suborno, Virgílio Paiva teria a crença no seu papel de árbitro comprometida, ou seja, este perderia sua exigência fundamental de coerência. A situação tornar-se-ia, então, sociologicamente destituída de sentido, é o que diz Berger<sup>11</sup>: “[...] pessoas com imagens contraditórias de si mesmas subitamente tropeçam uma na outra e fazem periclitarem suas múltiplas representações” (p. 122). Ou seja, como vimos, o papel social deve sempre guardar certos parâmetros de coerência.

Com efeito, não há como conciliar o papel de autoridade investido em um árbitro de futebol com o papel de um subornado em virtude de dívidas de jogo de azar, capaz de interferir nesta relação. Assim, Virgílio passou a sentir e vivenciar fortes “tensões internas”.

Considerando este elemento conceitual, como as pessoas tendem a responder, habitualmente, nesses casos de contradição e fragilização dos papéis?

Berger<sup>11</sup> nos mostra que, muitas vezes, os atores sociais os manipulam e os manejam, com maior ou menor desenvoltura, para que, desse modo não se revele a incoerência e o papel social venha a perder a eficácia.

Então, comumente, nos ensina Berger<sup>11</sup>, segregam “sua consciência e conduta”, deixando de “lado” o papel comprometedor, isto é, “as outras identidades são esquecidas enquanto durar essa cena específica” (p. 122).

Foi o que Virgílio fez. Utilizando-se de perigosas e sutis manobras para não evidenciar a incoerência e o conflito entre os papéis (cabe lembrar que estes comportamentos segregadores são utilizados com relativa frequência por pessoas que temem comprometer a coerência) ele realizou um “jogo duplo”: escondeu a situação de suborno para garantir sua autoridade de árbitro.

O filme “Boleiros” é uma excelente obra para se compreender esta segregação dos papéis. Vejamos alguns exemplos.

Antes de começar o jogo, “*formalidade de praxe*” (Otávio), Virgílio vai até o banco do Juventus: “*ai rapaziada, boa sorte*”. Cumprimenta o técnico: “*vai tranquilo, vocês estão bem na tabela*”. Caminha para o banco do time do interior: “*põe o seu time no ataque, não se preocupe com essa coisa de falta no goleiro, essa coisa de impedimento, não se preocupe com a arbitragem, entendeu Pipe?*” (grifamos com o intuito de evidenciar a conduta incoerente do papel de árbitro).

O filme se desenvolve, jogo “rolando”, chutão de um lado e de outro, o time do interior não consegue chegar à área do Juventus. Virgílio consulta o relógio, olha a arquibancada, constata apreensivo, três capangas a mando do presidente: “*o ‘cara’ que pagou estava na arquibancada, de olho*”, diz Otávio. Fica cada vez mais preocupado. Do ponto de vista conceitual, vivia a tensão da segregação dos papéis.

De repente, um lance resolveria a ansiedade: há um lançamento para o centroavante – “*o impedimento mais vergonhoso da história do futebol paulista*” (Otávio). O auxiliar levanta a bandeira, Virgílio ignora, obedecendo à lógica do papel segregado. Para seu desespero, o atacante chuta por cima do travessão, perdendo um gol fácil.

O tempo ia passando, o final da partida se aproximando, o jogo continuava zero a zero. “*Virgílio começou a ficar preocupado*”, diz Otávio. “*Não queria dar pênalti*”, endossou o personagem vivido pelo ator Rogério Cardoso.

No primeiro lance na área do Juventus Virgílio tomou a decisão radical. Nas palavras de Berger<sup>11</sup> “focalizou sua atenção apenas naquela identidade particular de que, por assim dizer, necessitava no momento” (p. 122). “*Chegou uma hora, não teve outro jeito, na cal*”<sup>10</sup>, disse Otávio. Marcou o pênalti inexistente. Reclamação geral. Uma evidente “gatunagem” (utilizando um jargão do futebol que se refere ao roubo), o que evidenciava o papel segregado.

Na cobrança do pênalti, o filme foi pródigo em, mais uma vez, com criatividade, revelar a segregação, afirmando o padrão “segundo o qual o indivíduo deve agir na situação”<sup>11</sup> (p. 109).

O veterano “boleirão”, de apelido Coringa bate o pênalti. O goleiro, competentemente o defende. Obviamente Virgílio invalida o lance, se dirigindo desonestamente ao arqueiro “*o senhor se mexeu, volta a cobrança*”. Mais uma vez Coringa chuta e novamente o goleiro defende. Virgílio, pela segunda vez, demonstrando o papel escandalosamente segregado, anulou e, com uma eloquente má intenção se dirigiu ao goleiro: “*o senhor está brincando comigo? O senhor*

<sup>10</sup> Grifo nosso. A expressão “na cal” refere-se à marca do pênalti. Cal é a matéria prima utilizada para pintura que demarca as linhas e demais marcações do gramado.

*é profissional ou o quê? Mexeu de novo, vai voltar, quantas vezes for necessário, até o senhor aprender a respeitar as regras, está ouvindo?”.*

Enfim, na terceira cobrança, para sua felicidade, alívio e necessidade de manutenção da coerência do papel, o pênalti foi convertido em gol. Um a zero para o time do interior. Virgílio, tendo segregado os papéis, “salvou sua pele”.

### **Considerações finais**

A partir do fazer investigativo e da exploração conceitual de um aspecto da teoria dos papéis sociais desenvolvida pelo sociólogo Peter Berger, utilizamos como recurso de análise uma produção cinematográfica que substancia e caracteriza uma situação cotidiana relacionada à cultura futebolística e que, para além dessa, pode ser interpretada nas mais diversas esferas da vida social.

Com “Boleiros - era uma vez o futebol...”, vimos o quanto o cinema pode ser rico e esclarecedor para propósitos pedagógico-educativos, especialmente ao abordar uma teoria que trata nada menos do que as maneiras de convívio e relações entre os membros de uma comunidade - a interação social, objeto de estudo de uma das mais importantes correntes sociológicas, o Interacionismo Simbólico.

A produção de Ugo Giorgetti, roteirista e diretor da obra cinematográfica analisada, contribui para evidenciar o significado e a exigência de coerência do papel social. Nesse sentido, analisando o episódio sobre o Clube Atlético Juventus, foi possível identificar o quanto os atores sociais devem ser coerentes em suas condutas e, caso haja incoerência, haverá possibilidade de ruptura e/ou de manipulação dos papéis sociais. Verificamos ainda, o quanto nessas situações, eles se veem obrigados a assumirem determinados papéis de forma a não perderem a credibilidade de seus comportamentos e *status*.

Os personagens fictícios mostrados no filme (em especial no episódio visitado), seus conflitos internos e sua conduta perante a sociedade, contribuem sobremaneira para abordar a Teoria dos Papéis, de forma a aprofundar a dimensão pedagógica dessa teoria, em especial, à compreensão da dinâmica dos papéis sociais como uma necessidade imperiosa nas diferentes formas de interação em uma determinada sociedade.

Essas questões ficaram evidentes na análise acerca das consequências de incoerência do papel social, analisada a partir da figura de um árbitro de futebol e as expectativas de conduta associadas à autoridade exigida de suas funções. Por fim, o filme indicado é uma importante produção cinematográfica para ampliar a discussão sobre papel social enquanto recurso acadêmico-pedagógico, sendo um material rico para melhor compreensão, por exemplo, das diferentes situações sociais, material essencial para ser utilizado/discutido pela área da Educação Física e/ou pelas ciências dos Esportes.

### **Referências**

1. Martin WB, Gaskell G. Tradução de Pedrinho Guareschi. Pesquisa Qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático. Petrópolis: Vozes; 2002.
2. Santana G. O filme contextualizado – diálogos entre sociologia e cinema. Disponível em: <http://www.rua.ufscar.br/o-filme-contextualizado-dialogos-entre-sociologia-e-cinema/> [2017 dez 17].
3. Assumpção LOT, Silva JBL, Silva NB, França NM. Sports, Nationalism and Symbolic Efficiency: The Film Invictus. International Journal of Research in Humanities and Social Studies. 2016; 3(1): 18-24. Disponível em <http://www.ijrhss.org/pdf/v3-i1/2.pdf>
4. Foracchi MM, Martins JS. Sociologia e Sociedade. Rio de Janeiro: LTC Editora; 1977.
5. Coakley JJ. Sport in Society: issues and controversies. London: Brown & Benchmark; 1964.
6. Goffman E. A representação do eu na vida cotidiana; tradução de Maria Célia Santos Raposo. Petrópolis: Vozes; 1985.
7. Fundação Getúlio Vargas. Dicionário de Ciências Sociais. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas; 1987.
8. Johson AG. Dicionário de Sociologia. Rio de Janeiro: Zahar; 1997.
9. Scott J. Sociologia: conceitos-chave. Rio de Janeiro: Zahar; 2010.
10. Mendras H. O que é Sociologia? Barueri: Manole; 2004.
11. Berger PL. Perspectivas Sociológicas. Petrópolis: Vozes; 1995.
12. Blumer H. A natureza do interacionismo simbólico. In: Mortensen C, org. Teoria da Comunicação: textos básicos. SP: Mosaico; 1980.
13. Nunes JH. Interacionismo Simbólico e Dramaturgia: a Sociologia de Goffman. São Paulo: Associação Editorial Humanitas; Goiânia: Editora UFG; 2005.